



## **“PROCURO UM CARA MACHO COMO EU”: reflexões sobre os discursos de homens que buscam encontros com homens em sites e aplicativos**

*Almerindo Cardoso Simões Junior<sup>1</sup>*

### **1 DAS PALAVRAS INICIAIS**

O trecho citado acima foi retirado de um dos vários aplicativos de relacionamento usados por homens que buscam encontros com homens na atualidade. Preferi não utilizar, no título, os termos homens gays ou homossexuais, pois muitos destes indivíduos não se veem sob esta nomenclatura. De fato boa parte deles se consideram hetero ou bissexuais, já que são muitas vezes casados ou tem relações com mulheres, buscando esporadicamente encontros com parceiros do mesmo sexo. Levando em consideração que o ato do *coming out* (ou assumir-se) é antes de tudo um ato identitário e político, preferi manter a expressão homens que buscam encontros com homens, já que, mesmo tendo como objeto principal encontros sexuais, muitos destes sujeitos expõem em seus textos a busca por amizade, papo, outros tipos de encontros – que não sexuais - e relacionamentos afetivos, inclusive usando a web como fonte de apoio e suporte em busca de (homo)socialização.

Mediados pela tecnologia em quase todos os ambientes em que vivemos, os *sites* de relacionamento e aplicativos de encontros são cada vez mais presentes como lugar de socialização de vários grupos. Nos discursos do ciberespaço, entretanto, em especial entre os homens que buscam encontro com outros homens (HEH)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universo. Fez especialização em Língua Portuguesa na UFRJ, em Gênero e Sexualidade pelo CLAM/IMS/UERJ e em Filosofia pela FIJ. É mestre em Memória Social pela UNIRIO e doutorando em Linguística pela UERJ. Tem artigos públicos em periódicos impressos e on-line. Apresenta interesses nos campos de educação, discurso, gênero e sexualidade, além da análise de como as relações de poder instituídas na/pela linguagem constituem efeitos de sentido nas representações do masculino. É autor de *...E havia um lampião na esquina* – Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980), publicado pela Multifoco em 2011.

<sup>2</sup> Para facilitação e fluência da leitura, passo a usar o termo HEH para me referir a Homens que buscam encontros com homens. Não usarei o termo HSH (Homens que fazem sexo com homens), já consagrado em alguns estudos, pelo fato de nem todos os sujeitos usuários de *sites* e aplicativos buscar sexo, segundo anúncios dos próprios usuários. Também evito o uso de sites *gays* ou homossexuais, pois nem todos os usuários se veem sob essa categoria, embora seja claro que boa parte destes veículos surgiram com o intuito de socialização de homens *gays*.

observamos algumas constantes em seus textos de apresentação, uma das primeiras formas de exposição de saída do mundo virtual para o real. Há uma supervalorização do masculino, da juventude e do acesso a determinados bens. Esses sujeitos são veiculadores de discursos que possibilitam enorme entrecruzamento de informações, reverberando relações de poder

Refletindo, assim, sobre a enorme possibilidade de canais e recursos na busca de parceiros sexuais, encontros e amizades, algumas considerações e perguntas merecem ser feitas em relação a estas mídias cada vez mais comuns para tantos: sobre que representações são possíveis e encontradas nos discursos desses sujeitos, e que relações de poder (sexo, classe, raça) são passíveis de observação nos discursos dessas pessoas, partindo do princípio que, pela linguagem, construímos identidades, memórias e discursos. Através dos mecanismos construídos para análise desses discursos, pode-se verificar de onde esses sujeitos falam e que relações de poder estão implícitas/inseridas em suas vozes. Há as vozes daqueles que reproduzem o discurso dominante, classificam, hierarquizam e segregam – talvez com receio de que venham a ser vítimas do mesmo preconceito tão latente em nossa sociedade e que talvez estejam ajudando a propagar. Há as vozes daqueles que não se adaptam, que escapam à norma, mas que são ao mesmo tempo indispensáveis, pois fornecem o limite da fronteira, do fora, do outro.

Este texto surge, portanto, a partir de algumas reflexões sobre as relações constituídas nos discursos de HEH em sites e aplicativos de relacionamento, à luz da teoria da Semântica Global, conforme exposta por Maingueneau, no livro *Gênese dos Discursos* (2005). Proponho, assim, um novo olhar sobre o discurso do dominante e do dominado, numa tentativa de entender os jogos de poder de uma lógica que, através da palavra, hierarquiza, classifica, domina e exclui, e da possibilidade de compreender o movimento de resistência das múltiplas masculinidades e homossexualidades.

## 2 CONTEXTUALIZANDO OS SITES E APLICATIVOS VOLTADOS PARA HOMENS QUE BUSCAM ENCONTROS COM HOMENS

As transformações pelas quais passaram a sociedade, em especial nas últimas décadas, trouxeram mudanças que repercutiram sobre todos nós, de forma mundial, variando de um lugar a outro conforme aspectos culturais e as concepções de mundo de cada comunidade. Muitos valores foram questionados e personagens outrora ocultos, ou silenciados, passaram a ter maior visibilidade e liberdade de expressão. O movimento homossexual, seguindo o movimento feminista e o negro, reivindicava maior liberdade de expressão e direitos iguais para essa parcela da população.

Na última década do século XX a explosão de discursos em relação à homossexualidade também chega à internet. Os jornais como o “Lampião da Esquina”, que antes traziam notícias sobre a comunidade *gay* e abriam espaços para encontros sociais e afetivos dão lugar aos *chats*. Surgem sites especializados na comunidade homossexual e outros com seções exclusivas para esse público. Há desde textos educativos, contos eróticos, roteiros de viagens para grupos específicos, direitos da comunidade, bem como a possibilidade de encontros para sexo casual ou relacionamento sério. Não só os jornais, bares e saunas são espaços que possibilitam encontros. *Sites* como o par perfeito do *Yahoo*, *Zoosk* ou *Be2* tem entre seu universo de usuários indivíduos que procuram outros com a mesma orientação sexual – ou homens que buscam encontrar outros mas não se consideram homossexuais. Outros quase que exclusivamente gays são o *gaydar*, o *manhunt*, o *disponível* e o *bea.rs*. Ainda destaque deve ser dado aos aplicativos, meios de encontro e socialização rápido, num mundo de relações líquidas: *grindr*, *tinder*, *scruff*, *badoo* são aplicativos que requerem poucos minutos de instalação, onde usuários se apresentam com poucas palavras e fotos muitas vezes picantes.

Essa enorme variedade de mídias para o público de HEH, porém, nem sempre têm acompanhado as inúmeras possibilidades e oportunidades de variantes identitárias – vinculadas às muitas possibilidades de orientações afetivo e sexuais na atualidade - o que acaba por reforçar questões de hierarquia. Citações em perfis de *sites* de relacionamentos ou aplicativos como “descarto gordos, negros, velhos e afeminados” ou outras não tão explícitas como “quero alguém que cuide do corpo e

da mente”, “busco alguém que more na Zona Sul” – no caso da cidade do Rio de Janeiro - ou “busco um igual” são constantes, e reforçam uma forte tendência de reprodução de modelos machistas e de busca de uma masculinidade hegemônica<sup>3</sup> sem falar no preconceito de raça e social. Tal atitude propicia a repetição de velhos clichês contra os quais o movimento homossexual lutou desde seu início: o machismo e a homofobia, além do retorno à abordagem de identidades de gênero próxima do sexo biológico, o que acaba por gerar uma construção ideológica que consiste na divisão dos usuários em dois grupos: os masculinos, joviais e viris e os afeminados, velhos, feios e pobres. Essa homofobia internalizada, se é que podemos chamá-la assim, acaba por promover o que Borillo (2010) chama de hierarquização das sexualidades.

Por estranho que nos pareça, as identidades homossexuais baseadas no modelo igualitário do “entendido”, segundo nos relata Fry<sup>4</sup> (1982), acabam assim, na contemporaneidade, por rechaçar todo/a aquele/a que não pareça *semelhante*, provocando, portanto, um processo de homogeneização – ou pasteurização - da diversidade.

Desta forma, a postura de muitos dos sujeitos é contrária à de diversos autores do pós-estruturalismo, que retratam as identidades como múltiplas e plurais, formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2003). Diante de modelos considerados “masculinos/as” ou “femininos/as”, os usuários dos *sites* de relacionamentos *gays* na internet (ou daqueles que buscam interação com outros homens) reagem de forma a rejeitar todos aqueles que não se encaixam num modelo hegemônico, único de masculinidade, chegando a posturas mesmo de aversão em relação aqueles que não são “semelhantes”, como observado nos exemplos abaixo<sup>5</sup>:

---

<sup>3</sup> Modelo de masculinidade construído historicamente, perseguido e compartilhado entre os homens, que Raewyn Connell nomeia masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995).

<sup>4</sup> Segundo Fry, este novo modelo difere do sistema “bicha/bofe”, já que postula a possibilidade e a aceitabilidade de relações sexuais-afetivas entre indivíduos *semelhantes* (1982, 94).

<sup>5</sup> Os exemplos serão reproduzidos em suas formas e grafias originais, inclusive letras maiúsculas, outras marcações gráficas, desvios da norma culta, expressões típicas da linguagem virtual, erros de digitação, dentre outros.

**Procuo um cara macho como eu.**

Tenho ,m , kg, anos, saradinho, adoro malhar e atividades esportivas. Nível superior, bem dotado, sou macho de verdade. Adoro uma agarrção forte de macho, isso que estou procurando. (DISPONÍVEL, acesso em junho de 2018)

Observamos que o texto do usuário aponta em direção a construtos valorizados pelo imaginário social como pertencentes ao universo do masculino: *saradinho, adoro malhar e atividades esportivas, bem dotado, sou macho de verdade*. Apresenta também pertencer a determinado grupo social: *nível superior*. Por fim, o próprio título da apresentação - *Procuo um cara macho como eu* - eleva o sujeito a uma posição superior no imaginário social e retrata a sua busca por um parceiro que esteja no mesmo patamar. Desta forma, a busca por um “semelhante” desqualifica todos os outros “não-semelhantes”, colocando-os numa posição de inferioridade. O que não é semelhante é *não saradinho, não malha, não pratica atividades esportivas, não bem dotado, não macho de verdade*.

Para Maingueneau (2005, p. 39), o Outro<sup>6</sup> não está para o Mesmo discurso como efeito de uma constituição autocentrada e externa, mas está “na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio”. Ou seja, o Outro faz parte da constituição própria do discurso do Mesmo. Ainda de acordo com o autor, o Outro é lido pelo Mesmo sempre como o avesso de si, sempre como um simulacro.

Cada discurso, assim, repousaria sobre um conjunto de semas repartidos em grupos: semas positivos, reivindicados, e semas negativos, rejeitados. As posições discursivas estariam, assim, associadas a dispositivos que as fariam interpretar os enunciados do seu Outro através de sua posição enunciativa, traduzindo-as via valores do seu próprio sistema (MAINGUENEAU, 2005, p.103). Em outras palavras, faz parte, também, dentro das múltiplas possibilidades identitárias, constituir-se e ao Outro através das imagens e dos conceitos que se cria através do próprio discurso. “Para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não

---

<sup>6</sup> Mantenho a grafia de “outro” como no original dos textos citados. Maingueneau faz referência a palavra com letras maiúsculas. Talvez por não referir-se ao outro como uma pessoa isolada, mas como um grupo, uma comunidade ou até mesmo uma instituição.

pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele (MAINGUENEAU, *ibid*).

Se queremos mesmo pensar em termos de pessoa linguística, talvez seja mais justo ver no Outro um eu do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se. Ele seria, então, de alguma forma, o interdito de um discurso. A formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível errado. Se, no universo do gramaticalmente dizível, um discurso define uma ilha de enunciados possíveis que se considera que saturam a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito. O Outro circunscreve, pois, justamente, o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso

(...)

Quer dizer que os enunciados tem um “direito” e um “avesso” indissociáveis: deve-se decifrá-los sobre seu “direito” (relacionando-os a sua própria formação discursiva), mas também sobre seu “avesso”, na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso do Outro (MAINGUENEAU, 2005, p. 39-40)

A rejeição do discurso do outro dá-se não só pelo fato de constituir a fala do Outro a partir de seu posicionamento discursivo, como também pelo silenciamento do discurso do Outro, daquele que é diferente de mim. Um silenciamento muitas vezes imposto e estratégico, extremamente carregado de sentidos. Desta forma, nota-se que há um sujeito ao qual se outorga o direito à fala, mas, para que esse tenha voz, um outro sujeito deve ser calado ou ter suas identidades desvalorizadas. No caso dos sites e aplicativos de relacionamento e entre os HEH, esta constituição do Outro, bem como os silenciamentos, são majoritariamente impostos aqueles que não se encaixam em modelos de masculinidade valorizados socialmente, dotados de prestígio social.

Graças à popularização da internet, não é mais necessário preparar-se e sair de casa para encontrar-se com outros/as. De posse de um computador, pode-se interagir em tempo real com outras pessoas, o que acaba por se tornar mais “real” se os interlocutores estiverem de posse de microfones e câmeras de vídeo, além do avanço cada vez maior dos aplicativos que permitem interação imediata. Para a comunidade homossexual, que até poucas décadas possuía poucas opções de lugares possíveis para encontros, a dinâmica da *web* oferece uma ampla possibilidade de interação tanto na busca por “iguais” em especial para aqueles que moram em cidades médias ou pequenas, bem como para aqueles sujeitos que não

querem se expôr “fora do armário”. A rede, assim, se apresenta como uma nova fonte de socialização e busca de parceiros para os mais diversos fins.

Ainda não tão numerosos são os trabalhos voltados para as questões do ciberespaço, embora os mesmos venham apresentando um crescimento considerável nos últimos anos - A título de exemplo, podemos citar as pesquisas de Parreiras (2008), Nogueira (2012), Bonfante (2015), Miskolci (2017) - apresentando, assim, novas abordagens em termos de metodologia e problematização.

Ao deparar-se com realidades virtuais, com a construção de corpos não reais<sup>7</sup> e o universo do estar ou não *on-line*, novas questões podem ser elaboradas e novas dinâmicas exigidas na busca por respostas na tentativa de tomar o ciberespaço “como espaço simbólico de comunicação, interação e sociabilidade” (PARREIRAS, 2008). Ainda, segundo a autora

Deste modo, este espaço só ganha significação a partir das práticas e vivências dos usuários, os quais estão durante todo o tempo desenvolvendo entre si (e com o próprio aparato tecnológico) diferentes tipos de relações, algumas delas circunscritas apenas ao virtual e outras que extrapolam os contatos mediados por computador (PARREIRAS, *ibid*, p.02).

Como meio de interação entre esse grupo, portanto, observam-se as várias relações de poder produzidas no discurso, reflexo das próprias relações de poder presentes na sociedade.

Baseados nas significações ou representações veiculadas dentro do ciberespaço, surgem alguns questionamentos norteadores: Como se dão as representações das múltiplas homossexualidades nestes *sites* e aplicativos no âmbito do discurso? Sendo esta questão permeada por outra que seria: Como se relacionam tais significações/representações e que relações de poder são possíveis de identificação no discurso desses sujeitos, integrantes dos *sites* de relacionamentos e aplicativos voltados, em geral, para o público de HEH na internet?

---

<sup>7</sup> Convém ressaltar que o uso da expressão “corpos não reais” não quer dizer que os corpos não existam. Estes são, num primeiro momento, mediados pela tela de um computador, um tablet ou smartphone.

E, num aspecto mais específico: Estariam os sujeitos participantes destas mídias reproduzindo discursos homofóbicos, machistas e que reforçariam representações binárias de gênero? De um modo geral, estariam os sujeitos desses sites supervalorizando os construtos sociais que são considerados típicos do masculino em detrimento daqueles que são considerados típicos do feminino? Como se dariam as diversas hierarquizações dentro das diversas masculinidades e homossexualidades?

Tomando-se como ponto de partida as construções presentes no senso comum das sociedades ocidentais, que buscam classificar e rotular os indivíduos em trajetórias sociais rígidas e intransponíveis, onde aqueles/as que não se encaixam em padrões pré-estabelecidos são postos à margem e considerados exceções, pode-se perceber que tal ideário hoje também permeia estes espaços, em que a busca por aceitação e a tentativa de minoração da discriminação propicia o surgimento de “guetos dentro do gueto”. Nota-se o claro processo de exclusão daqueles não considerados normais, pois, como muitos usuários descrevem em seus perfis, sua busca é por pessoas “normais”. Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o que significa essa “normalidade”. Assim

Para podermos refletir a respeito desses mecanismos e lidar com eles em situações cotidianas, é preciso reconhecer os discursos e práticas que tomam como naturais ou estritamente pessoais questões que são políticas e sociais, onde estão implicados os direitos humanos das pessoas (CARRARA ET ALLI, 2010, p.27).

### **3 DAS EXPECTATIVAS DA SEXUALIDADE**

Em relação à sexualidade, não podemos pensar em um corpo ou uma sexualidade universal, mas em corpos e sexualidades marcados por experiências de classe, raça, gênero, geração, idade, enfim, contextos sociais e históricos. Para Gagnon (2006), a interpretação e significação da atividade sexual não está limitada tão somente ao corpo ou atividade corporal dos indivíduos, mas ao significado que tais atividades adquirem em determinada cultura. O significado não se encontra centrado no ato em si, mas em como se dá a representação de tal ato na cultura, que pode variar segundo os atributos sociais dos sujeitos implicados. Gagnon, assim, nos oferece a teoria dos roteiros sexuais, entendendo que nos comportamos, perante a sexualidade, inicialmente como expectadores ou aprendizes, mas, à proporção que somos “convidados” a encená-los, assumimos papéis previamente esperados, ainda



que beirando à improvisação, e ao mesmo tempo tangenciados pelo que o que a situação concreta nos demanda e a cultura requer. Em relação ao mundo virtual e dos usuários de *sites* de relacionamento e aplicativos voltados para o público de HEH na internet, poderíamos inicialmente afirmar que, embora muitos sejam homossexuais, apresentam “roteiros” ou “papéis” esperados por homens heterossexuais, que teriam aversão ao feminino em si, e também permeados por forte viés de classe, raça e *status* social. Vejamos o exemplo que segue:

HOMEM, NO SENTIDO E ACEPÇÃO DA PALAVRA. Se acham que é discriminação o fato de não curtir caras afetados, TENHO ESSE DIREITO, pois não sou obrigado a ficar com quem não me agrada. Se você é do tipo que rebola mais que Júlia Robert no filme "UMA LINDA MULHER", ou que parece ter um GATO NA GARGANTA, QUE VAI PULAR AO CUSPIR, PASSEM DIRETO, POIS SE SENTISSE TESÃO POR MULHER, ESTARIA COM UMA DEVERDADE. AOS QUE SE ACHAM A ÚLTIMA BOLACHA DO PACOTE, NEM ME CONTACTE. COMO DISSE, AO FALAR SOBRE MIM, QUE ADMIRO INTELIGÊNCIA, POIS BELEZA NÃO SIGNIFICA BOA TRANSA, OU FELICIDADE PARA UM RELACIONAMENTO FUTURO. Espero que possamos nos dar bem, caso haja interesse de sua parte. Desde já, grato pelo contato. (DISPONÍVEL, acesso junho 2018)

Assim, ao afirmar inicialmente que as posturas dos usuários de *sites* de relacionamentos e aplicativos voltados para HEH na internet são discriminatórias, faz-se necessário refletir sobre as formações ideológicas que estão por trás do pensamento ocidental sobre sexo/sexualidade e que marcas “reguladoras” são constantes em seus discursos – talvez algumas pistas já possam ser percebidas no exemplo anterior, do que seria o “HOMEM, NO SENTIDO E ACEPÇÃO DA PALAVRA<sup>8</sup>”.

Rubin (1998) afirma que entre as formações ideológicas está a ideia de que a sexualidade deve conformar-se com um único padrão, que toda variação é negativa e perturbadora da ordem social, sendo o ato sexual detentor de diferentes valores e hierarquizador de sujeitos. Afim de se sujeitar a um roteiro pré-estabelecido e na tentativa de ser aceita, uma hipótese é de que a relação homossexual, para ser vista não mais como uma relação bicha x bofe, mas como uma relação de “iguais”, ou “entendidos”, acaba por reduzir-se à roteiros de masculinidade, virilidade, sociais e

---

<sup>8</sup> Convém destacar que segundo as convenções da “netiqueta”, textos em caixa alta seria o equivalente a gritar.

de raça pré-estabelecidos, onde todos aqueles que não se enquadram nos roteiros de “igualdade” são excluídos.

A homofobia não só manifesta hostilidade em relação à gays ou lésbicas, mas a qualquer indivíduo que não se adapte ao modelo “determinado” pelo sexo biológico, inclusive sendo diversas vezes praticada pelos próprios usuários de *sites* de HEH, ainda que busquem relações ou encontros com alguém do mesmo sexo. Sua raiz estaria no próprio processo cultural de origem e formação da socialização masculina. Borrillo (2010) cita uma pesquisa que mostra a estreita ligação entre a homofobia e a dificuldade que boa parte dos indivíduos do sexo masculino tem de expressar ou estabelecer relações de intimidade. O autor discorre que tal barreira em relação à intimidade encontra origem em outro aspecto da socialização masculina: a competição. “A forte apreensão (...) à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem”, dessa forma o ódio contra homossexuais aparece com um importante elemento na (auto)construção da masculinidade. O medo de ser considerado “viado” é parte importante na constituição da composição do papel masculino tradicional, sendo que aferir ao outro este título é, em muitas situações considerado extremamente ofensivo. Assim, o processo de tornar-se homem constrói-se em constante oposição ao que é feminino. Como teoriza a filósofa francesa Elisabeth Badinter

Tradicionalmente, a masculinidade se define mais por evitar alguma coisa (...) do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, p.117).

Baseado nessa reflexão, poder-se-ia considerar que o sentimento da homofobia é um mecanismo essencial do caráter masculino, já que recalcaria o medo enrustido do desejo homossexual. A angústia do homem heterossexual de confrontar-se com outro homem efeminado passa pela angústia em relação às características femininas de sua própria personalidade. Personalidade esta que busca sua construção em oposição ao feminino, ou às características do feminino. Borrillo faz também uma análise de como a homofobia permeia o meio homossexual, especialmente no tocante à dicotomia ativo x passivo:

Nesse sentido, um grande número de homens que assumem um papel ativo na relação sexual com outros homens não se consideram homossexuais; na realidade, em vez do sexo do parceiro, a passividade é que, para eles, determina o pertencimento ao gênero masculino. O fato de ser penetrado, aparece, assim, como o caráter próprio do sexo feminino; essa passividade vivenciada como uma feminização, é suscetível de tornar o sujeito efetivamente homossexual. Em compensação, ao adotar o papel ativo, o indivíduo não atrai o seu gênero e, por conseguinte, não corre o risco de se tornar “pede”<sup>9</sup>. No entanto, é insuficiente ser ativo: ainda é necessário que essa penetração não seja acompanhada de afeto, porque esta atitude poderia colocar em perigo a imagem de sua própria masculinidade. Eis, portanto, por um efeito de denegação, como vários homens, sem deixarem de ter relações homossexuais regulares, podem rejeitar qualquer identidade gay e sentir ódio homofóbico. Tal ódio serve, neste caso, à reestruturação de uma masculinidade frágil que, constantemente, tem necessidade de se afirmar pelo menosprezo do outro-não-viril(...).

Sexismo e homofobia aparecem, portanto, como as duas faces do mesmo fenômeno social. A homofobia – e, em particular, a masculina – desempenha a função de “policimento da sexualidade” ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras “impermeáveis” dos sexos (BORRILLO, 2010, p.90)

O preconceito contra a homossexualidade é geralmente desenvolvido durante a infância do indivíduo, sendo especialmente influenciado pela socialização de gênero. De acordo com diversos autores, homens heterossexuais tendem a ser mais preconceituosos contra *gays* do que mulheres heterossexuais. Uma explicação possível é que na sociedade ocidental existe uma forte correlação entre masculinidade e heterossexualidade, o que faz com que os homens sejam a todo tempo pressionados a rejeitar tudo o que não seja culturalmente definido como masculino. Outro fator gerador do preconceito contra os homossexuais seria o machismo, que na verdade, seria, acima de tudo, uma forma de estabelecimento de hierarquia e manutenção de um *status quo* sempre a favor do macho. Como define Castañeda

O machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas sobre duas ideias básicas: por um lado a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele (2006, p.16).

A necessidade de ser aceito pela sociedade faz com que cada vez mais homossexuais masculinos procurem desvencilhar-se de possíveis modelos ou estereótipos do feminino, buscando uma constante construção corporal e postural

---

<sup>9</sup> Termo francês pejorativo para homossexual. Abreviação de *pédéraste*. Não se encontra no texto original.

associada a um modelo másculo e viril, já que tal aparência externa estaria melhor vinculada ao modelo de masculinidade hegemônica. Criam-se assim vários nichos e segregações dentro da própria comunidade, pois o desejo de parecer forte, másculo e jovem faz com que fracos, efeminados e velhos sejam tratados, geralmente, com total desprezo, ocasionando um processo de homofobia dentro do próprio meio (CASTAÑEDA, 2007). Reflexo dessa análise são discursos como os que seguem:

**Tenho um temperamento forte e persistente, embora muito desconfiado. Para conquistar a minha confiança é preciso, antes de tudo, demonstrar justiça e honestidade, virtudes que eu valorizo demais. Por outro lado, a minha grande característica é a de resolver as coisas por mim mesmo, sem procurar ajuda dos outros. Meu senso de justiça é muito rígido, bem como minha honestidade. No amor, posso ser sensível e surpreendente, com alguém a quem eu ame de verdade.**

**SIM: Homens e machos**

**NÃO: Metrossexuais, Efeminados, Gordos, Viciados em drogas e Pessoas com mente "gay"**

<http://www.manhunt.net/home.php>, acesso em junho de 2011

Busco relacionamento com homem que, apesar de ser sexualmente passivo, não tenha aprendido a falar com a mãe, nem com a "ba", nem com a tia, mas sim com os machos da família. Não curto drogas, nem curto gente que faça uso delas.

<http://www.manhunt.net/home.php>, acesso em junho de 2011

Em relação ao primeiro, caso, pode-se perceber o uso de semas com sentido positivo que auto promovem o sujeito e dão a ele características valorizadas como masculinas e de bom caráter: *temperamento forte e persistente, justiça e honestidade, resolver as coisas por mim mesmo, honestidade, sensível, surpreendente*. Por fim, ele arremata seu discurso dividindo-o em dois grandes blocos, promovendo o simulacro do seu outro, daquele que não é semelhante a ele (Maingueneau, 2005). É o reforço da construção de sua imagem através da depreciação da imagem do outro em seu discurso, já que, afinal, a construção da imagem de si passa também pela confrontação com a imagem do outro

No segundo caso, percebe-se claramente a dicotomia entre o masculino (positivo) e feminino (negativo), bem como o atravessamento de uma questão étnica, já que temos presente o termo "ba", referente a mulheres negras que eram babás de crianças brancas abastadas – tanto no período do império como em boa parte do século XX. Já no trecho "Apesar de sexualmente passivo", podemos tomar o termo *apesar* como uma ruptura ao que se espera de um homem dentro da masculinidade

hegemônica - pois o passivo é o penetrado, o que por vontade abre mão da posição de poder- espera-se que ele seja representante de um modelo de masculinidade socialmente aceito, ou seja, tenha aprendido a falar com os machos da família.

#### 4 DOS DISCURSOS

Na Arqueologia do Saber, Foucault (2008) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Cabe à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos. Tais regras, chamadas de Foucault de “regras de formação”, possibilitam a determinação dos elementos que compõem o discurso: os objetos que aparecem, coexistem e se transformam num “espaço comum” discursivo; os diferentes tipos de enunciação que podem vir a permear o discurso; os conceitos em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo relacionados em um sistema comum. Essas regras determinam, portanto, uma “formação discursiva”, se apresentando como um sistema de relação entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. São elas que caracterizam a formação discursiva em sua singularidade e possibilitam a passagem da dispersão para a regularidade. Regularidade que é atingida pela análise dos enunciados que constituem a formação discursiva.

Definindo o discurso como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva (...) para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. E a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção de proposição e de frase (unidade, respectivamente, constituída da lógica e da linguística da frase), concebendo-o como a unidade elementar, básica, que forma um discurso. O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva (BRANDÃO, 1998, p.28)

Se tomarmos como ponto de partida o fato dos discursos serem também institucionais (atravessados pela Igreja, pela Justiça, dentre outros) é importante mencionar que estes são tangenciados por uma historicidade, o que faz com que legitimem. Graças a essa legitimidade são geradas normas e regras para o funcionamento discursivo. Essas normas e regras acabam determinando o que se pode falar a partir de determinado lugar. São, portanto, discursos que geram novos discursos, que se enfrentam, que se cruzam, representando vozes que podem e,

hipoteticamente, não podem ser ouvidas ou ter direito a representação social. Baccega nos diz que:

A sociedade funciona no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam e se complementam: dessa dinâmica nascem os novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos outros e vão alterando seus próprios significados (BACCEGA, 2000, p. 21).

Esses discursos carregam em si os valores vigentes de determinada época e sociedade. Assim, têm incutidos em si todos os mitos, verdades, valores, estereótipos presentes em determinado grupo social, passando a ser essa “regularidade” o elemento determinante de certa “formação discursiva”. É esse trabalho ideológico que traça, ao longo do processo histórico a legitimidade das práticas discursivas. É nesse mecanismo ideológico que os sentidos são inscritos e perfazem uma memória social, onde os sentidos são estabilizados e desestabilizados, onde cada palavra é sustentada através do já-dito (memória discursiva), mas ao mesmo tempo assume o lugar do novo, numa nova situação produzida a cada enunciação (FERREIRA ET ALLI, 2006).

Cada indivíduo e grupo social estão inseridos nesse universo de discursos e deles não pode escapar. Nessa materialidade constituída pela manifestação dos vários discursos encontra-se o espaço em que o indivíduo se constitui sujeito, agente (re)elaborador de discursos, utilizando-se dos elementos já recebidos por ele. Este antes indivíduo torna-se sujeito, gerador de novos discursos e por eles atravessado. Não mais apenas paciente, mas agente de um sistema social polifônico. Como afirma Simões Jr (2011, p.72-73):

Ao participar de práticas discursivas, agimos sob contingências sócio-históricas. Quando falo a partir de determinado lugar, reproduzo determinados sentidos de acordo com a formação discursiva na qual estou inserido. Assumir determinadas posições e posicionar outros é reproduzir as relações de poder no discurso, o que faz com que este último saia da condição de simples estrutura e se torne acontecimento, dotado de materialidade.

O poder engendrado no discurso é capaz de normatizar o que pode ser considerado verdade em determinada época – determinando o que é verdadeiro ou falso, o que é permitido ou não falar.

Diante do poder engendrado no discurso, elemento de desejo e perpetuado através de crenças e valores tão arraigados em nossa sociedade, convém refletir a respeito de como se dão as construções relacionadas à sexualidade, capazes de fundamentar as relações e classificar as pessoas, “prescrevendo trajetórias e papéis

sociais inescapáveis” (CARRARA ET ALLI, 2010, p.27). Este poder do discurso é tão forte e latente que temos a impressão de que o mesmo é oriundo em nós, mas somos constantemente atravessados pelas palavras de outros, imersos nos jogos e fronteiras constituídos pelos falares sociais.

É também através do discurso que instauro o meu lugar e o lugar do outro, sendo este um dos processos mais sutis (ou nem tanto) para normatização e manutenção do poder. O ato de estabelecer um ou mais modelos identitários como parâmetro através do qual todas as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas concorre diretamente para a estabilização e cristalização de corpos dóceis e sujeitos as normas. Estas tecnologias de biopoder, que focalizam a vida, administrando-a e moldando-a para atender a determinados modelos de ser, tem por finalidade que os corpos respondam e sirvam também a determinados interesses políticos e econômicos (SIBILIA, 2003).

Chegamos, assim, ao fato de que posicionar a mim e ao outro está intrinsecamente ligado ao discurso, sendo também um ato linguístico, além de aprendido e repetido continuamente, graças a vários códigos imanentes às sociedades nas quais vivemos.

Busco, desta foram, amparo nos estudos do linguista francês Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos*, publicado pela primeira vez na França em 1984 e traduzido no Brasil em 2005. De início, devemos ter em conta a noção de interdiscurso definida pelo autor, que busca entender como as relações que se dão no espaço entre os vários discursos. De acordo com o analista, são as relações de troca entre vários discursos que podem nortear a análise daquilo que pode ou não ser dito do interior de uma formação discursiva (FD)<sup>10</sup>, já que o interdiscurso, ainda de acordo com o autor, precede o discurso.

Para explicar o funcionamento das relações interdiscursivas, Maingueneau postula que o interdiscurso pode ser “apreendido” no interior das categorias de universo

---

<sup>10</sup> Para Maingueneau “A formação discursiva não seria um conglomerado mais ou menos consistente de elementos diversos que se soldariam pouco a pouco, mas sim a exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico” (2005, p.64)

discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. De acordo com o autor, é no universo discursivo que se encontra o número finito (embora impossível de ser apreendido em totalidade) das formações discursivas e é ele que define uma extensão máxima que norteia os domínios que podem ser estudados: os campos discursivos. De acordo com Maingueneau, a noção de campo discursivo é definida como um conjunto de FD<sup>11</sup> que tem a mesma função social, embora estejam sempre numa relação de concorrência. O autor ressalva que essa “concorrência” deve ser pensada como as formações discursivas delimitando a si e às outras mutuamente dentro de um campo, em relação de confronto, neutralidade aparente, aliança, etc. Além disso, como postula Maingueneau, é no interior de um campo discursivo que um analista pode recortar os espaços discursivos em que as FD serão postas em relação, de acordo com o propósito investigativo que tal analista assuma. Ao estudar a polêmica, Maingueneau (2005, p.103, 104) postula que o espaço discursivo, quando considerado como rede de interação semântica, é definidor de “um processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas”. É por efeito dessa interincompreensão que um discurso introduz o Outro com base nas categorias do Mesmo, sempre sob a forma de simulacro. Isto é, a partir de seu próprio sistema de restrições, o Mesmo reivindica para si os semas positivos e atribui a seu Outro os semas negativos do discurso. Segundo Maingueneau, o simulacro pode ser entendido como uma tradução do Outro com base no Mesmo, uma vez que é fruto do confronto de posicionamentos discursivos distintos, próprio da natureza da polêmica.

Desta forma, Maingueneau entende que o discurso é regido por restrições semânticas, determinando o que deve e pode ser dito em determinada situação e possibilitando, também, perceber os elementos atuantes nos diversos aspectos do discurso, desde a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão. Para definir tais sistemas de restrições semânticas o autor apresenta sete postulados para sua teoria, a saber:

---

<sup>11</sup> Para facilitar o acompanhamento de raciocínio e a leitura do texto, uso a sigla FD como sinônimo de Formação Discursiva



- a) A intertextualidade – Dá-se pela forma ou maneira como um discurso lida com outros anteriores do mesmo campo, que passados são constituídos através dos encontros destes discursos, através de suas filiações – que memórias discursivas constroem – e que sentidos recusam. No caso da análise dos perfis de HEH, como seus posicionamentos discursivos se relacionam com outros perfis e com os discursos de outras instituições, visíveis ou não (Família, Igreja, Governo, Medicina, Sexualidade, Sociedade);
- b) O vocabulário – Segundo Maingueneau, não há muito sentido em falar do vocabulário de um ou outro discurso – como se cada discurso possuísse um léxico particular, próprio. Para a Semântica Global, a maior riqueza de análise se dá pelas explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais, nos variados discursos. Vale, nesta pesquisa então, a reflexão de como se dá a apropriação dos termos usados para designar homossexuais (viado, bicha, gay, dentre outros) pelos usuários em seus perfis;
- c) Os temas – Maingueneau afirma que este tópico está relacionado aquilo do qual um discurso trata, independente do seu nível. Para além disso, não há uma hierarquia de temas que considere um mais ou menos importante sobre os demais. O que deve ser destacado é o tratamento semântico dado ao tema, o que deve ser mais valorizado que o próprio tema em si. Uma possibilidade de reflexão seria de como estes temas divergem e convergem entre si, no âmbito dos discursos dos usuários nos sites e aplicativos de HEH;
- d) O estatuto de enunciador e do destinatário – Cada discurso define o estatuto que o enunciador deve conferir a si e ao outro para legitimar o seu dizer. Os perfis dos usuários estão inscritos em uma subjetividade enunciativa e, só fazem sentido se houver destinatários que “consumam” estes discursos – que busquem por estes determinados perfis;
- e) A dêixis enunciativa – Os discursos só fazem sentido inseridos em uma relação tempo/ espaço. Por consequência, temos homens que buscam outros homens nas primeiras décadas do século XXI – mais especificamente na segunda década – além de ter o seu discurso

inscrito em uma modalidade multimodal, em espaços e plataformas específicos, que demandam por uma exposição textual diferenciada de outros gêneros textuais, o que pode conferir não só diferentes sentidos e embates de poder, como também outros silenciamentos;

- f) O modo de enunciação – O discurso está além de um conteúdo associado a um tempo/ espaço específicos e a um estatuto do enunciador e do destinatário, estabelecendo, assim, uma maneira de ser e de dizer. Nos discursos dos usuários dos sites e aplicativos, há uma (ou algumas) masculinidade possível – no sentido de mais valorizada socialmente – e outra (ou outras) desvalorizada, sendo associada a sentidos semânticos negativos (feminino/afeminado, gordo/obeso, velho, drogado, louco, dentre outros);
- g) O modo de coesão – Dá-se pela observação de como o discurso constrói sua rede de remissões internas, através de recortes discursivos que caracterizam os discursos - no caso dos aplicativos e sites, a própria diagramação dos perfis e as possibilidades de preenchimento dos mesmos, com frases de chamada, textos geralmente curtos, espaço para preenchimento de descrições físicas e a forte relação entre o texto e imagem. Por conseguinte, os encadeamentos proporcionados por estes discursos também são específicos, próprios de um ambiente multimodal, com modos de construção textual e coerções próprios.

Ao nos debruçarmos sobre os discursos produzidos na internet, a fim de refletirmos sobre estes sete postulados, é preciso considerar que a Web2.0 provocou uma revolução não só sobre as práticas verbais mas em tudo o que até então entendíamos como gêneros do discurso. Apresentando modelos de texto considerados como multimodais, ou seja, aqueles que mobilizam simultaneamente vários canais (MAINGUENEAU, 2014), a *web* desestabiliza as noções e hierarquias conhecidas até então, onde já não é possível mais fazer maiores distinções entre um texto principal e secundário, sendo estes ricamente entremeados pelos componentes iconotextuais. A página se transforma em tela, que é contemplada a partir do olhar sobre uma parcialidade; as páginas não são viradas, mas “rolamos” a tela para baixo. São mensagens que não tem a duração do texto do papel, mas a

transitoriedade da velocidade da vida cotidiana. Tais enunciados, porém, ainda que fragmentados, não são insignificantes. Possibilitam relações entre os parceiros da comunicação e seus resultados são vinculados a determinadas relações sociais. Os sujeitos, inseridos em determinadas condições sócio econômicas, tangenciados por relações de classe, raça e gênero, produzem discursos um tanto quanto “esperados” dentro das posições que ocupam na sociedade. Como exemplo, o anúncio em um *site* ou aplicativo de um homem branco, de classe média ou média alta, com nível superior, morador de um bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro é, em inúmeros aspectos, diferente do de um homem negro, morador do subúrbio, com pouco acesso aos bens do capital cultural, pertencente às classes mais populares. Exemplos clássicos são os de usuários com textos em línguas estrangeiras, com fotos tiradas em lugares icônicos, clássicos do turismo mundial, ou de textos fazendo referências à formação acadêmica do usuário.

Estes enunciados são também fortemente tangenciados pela intertextualidade, promovendo a relação dos discursos dos usuários dos *sites* e dos aplicativos com os vários discursos prévios sobre os atributos considerados positivos sobre o significado de ser homem em nossa sociedade. Podemos definir, portanto, a intertextualidade como:

...[o] tipo de relações definidas como legítimas pelas coerções semânticas, isto é, pela competência discursiva, de um determinado campo. Todo campo discursivo define uma certa maneira de citar os discursos anteriores de um mesmo campo, isto é, cada discurso constrói para si um passado específico, atribuindo-se certas filiações e recusando outras. (SOUZA E SILVA & ROCHA, 2009, p.11)

Tais relações, portanto, criam um processo de memória discursiva no interior destes discursos, onde a filiação a determinados semas relaciona-se a sentidos positivos e a outros denota sentidos negativos. Dialogam e relacionam-se com o já-dito em relação ao que significa ser homem em nossa sociedade e a todas as benesses que esse posicionamento implica. Assumir uma posição que não tenha relação com este posicionamento é abdicar do poder que está atrelado ao modelo de masculinidade hegemônica. Na verdade, o posicionamento discursivo dos sujeitos é o grande gerador de sentidos dos diversos vocábulos presentes nos perfis dos usuários dos *sites* e aplicativos.

Estes significados estão também inseridos em um sistema de coerções semânticas, o que seria como uma espécie de “filtro de enunciados”, já que cada FD possibilita a exploração sistemática de possibilidades de um núcleo semântico (MAINGUENEAU, 2005, p.64). Portanto, espera-se que, a partir de determinada FD, determinados discursos e sentidos semânticos sejam gerados. Estar fora deste lugar significa estar fora de uma posição dominante. Tentar subverter os sentidos, transformando sentidos negativos em positivos, é um ato de resistência.

Deslocar a fala do outro também faz parte do recurso do Simulacro (MAINGUENEAU, 2005) já que “A relação polêmica baseia-se nessa dupla bipartição: cada polo discursivo recusa o outro como derivando de seu próprio registro negativo de maneira a reafirmar a validade de seu registro positivo” (p.67). Desta forma, são travados os embates discursivos no âmbito da *web*, onde determinadas representações são vinculadas a modelos de masculinidade vistos como superiores e outras a modelos tidos como inferiores. Convém mencionar que estas representações feitas através dos discursos estão o tempo todo duelando entre si.

Procuo pessoal desbloqueado que valorize amizade e curta umas brincadeiras. Adoro séries, filmes, animes, alguns games, passear, comer coisas gostosas, confraternizar com amigos....Caras BI são mais fechamento e apesar de me apontarem que essa coisas de “discreto” ou “sem afetações” é pura babaquice e um pouco de preconceito, eu verdadeiramente busco trocar ideia e papo (e quem sabe algo mais?) com homens que tenham jeito de homem, OK? (SCRUFF, acesso em junho de 2018)

Observa-se mais uma vez o uso de expressões como “discreto” e “sem afetações” como parte do ideário de uma masculinidade aceita socialmente. Além disso, percebe-se o posicionamento de um sujeito que busca interações afetivo - sexuais com homens que se relacionem também com mulheres (Provavelmente por ser relacionar com mulheres não teriam o rótulo de *gays* e estariam ao lado do grupo socialmente privilegiado na hierarquia de gênero). Desta maneira, a busca de homens que tenham jeito de homens reforça a valorização do modelo de masculinidade hegemônica, modelo este que sofreria menos preconceitos da sociedade e manteria os privilégios do *status quo*.

Miskolci (2017), ao desenvolver pesquisa e análise sociológica da busca por parceiros on-line nos traz algumas questões interessantes sobre a escolha dos pares através da internet

... o cara discreto no qual se reconhecem meus colaboradores e é buscado também como parceiro preferencial não é um homem heterossexual...O que eles buscam é um cara que passa por hétero. O passar por se revela tão central na forma como lidam consigo próprios quanto na busca de parceiros, ou seja, eles querem continuar heterossexuais aos olhos da maioria para evitarem serem apontados como homossexuais no espaço público, o que os tornaria vulneráveis a diversas formas de discriminação (MISKOLCI, 2017, p.162).

Em contrapartida outros perfis criam discursos que dialogam e confrontam esse modelo aparentemente dominante na busca por parceiros:

Busco gente simples, tranquila, sem muita nóia. Gosto de cinema, teatro e diversão em geral. Ah, e não me venha dizer que esse negócio de discreto e fora do meio não é preconceito, pq é sim. Abaixo os gays homofóbicos! (SCRUFF, acesso em abril de 2018).

Neste texto, portanto, outras representações e possibilidades são constituídas. Não ter de ser discreto e fora do meio estabelece outras formas de representação das masculinidades e homossexualidades, mais ampla e plural, que não tenha de atrelar-se especificamente ao masculino ou o feminino, mas que possa transitar nesse meio, assumindo suas múltiplas possibilidades de existir. É um ato de enfrentamento e resistência ao que se tem pré-estabelecido em relação ao que é ser homem em nossa sociedade, provocando o deslocamento de sentidos, tão caro à análise do discurso.

## 5 PALAVRAS FINAIS

Nas primeiras décadas do século XXI somos expostos a novas relações. A busca por amigadas ou parceiros amorosos e sexuais também foram alteradas. Mediados por intenso aparato tecnológico, hoje podemos ampliar nosso círculo de amigadas, dentro de casa, vestindo pijamas.

O *smart phone* ou *iphone* é quase um anexo do corpo – vide o fato de que geralmente são levados junto a nós, dentro de nossos bolsos. A combinação de algoritmos nas redes sociais nos apresenta anúncios relacionados aos nossos gostos pessoais e, praticamente quase toda a nossa vida pode ser exposta caso

alguém decida por vasculhar a fundo as informações mantidas nas grandes redes de computadores.

Sendo assim, no diálogo entre o virtual e o real – e até que ponto o virtual não seria real? – o espaço entre o eu e o outro são marcados, sendo a linguagem elemento de delimitação deste território. Convém também destacar que os homens que buscam encontros com homens no universo dos *sites* e aplicativos ainda estão atrelados a “velhos” modelos de masculinidade, centrados em construções machistas e patriarcais do que é ser homem.

Atrelados à manutenção do *status quo* e atravessados por fortes relações de poder, seus discursos reproduzem modelos rígidos e binários de gênero, onde há a supervalorização do masculino – ou do que se considera como masculino – e o rechaço do que não é. Seus textos são espaço da construção da imagem de si e do outro, constituindo o que Maingueneau (2005) chama de simulacro. A linguagem é espaço privilegiado de observância deste fenômeno e o discurso, lugar de embate e duelos. Eles exibem as várias disputas, aferindo também juízos de valor, mas, ao mesmo tempo são elementos de desconstrução, de ruptura e de (re)elaboração. É dentro deste processo de desconstrução, não no sentido somente de destruir, mas também de questionar e analisar a partir de uma nova forma de olhar que se busca desestabilizar binarismos e de refletir sobre o espaço do entre (entre discursos, entre gêneros), mostrando que cada polo contém também o outro, carrega vestígios do outro e só existe graças ao outro. Depende do diferente para fazer sentido.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 2000.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos aplicativos de pegação**. Dissertação. (Mestrado Interdisciplinar em Linguística Aplicada). Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2015, 220 f.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998.

CARRARA, Sérgio et alli. **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Vol. 03.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2nd ed. *Berkeley, Califórnia: California University Press, 2005*

DISPONÍVEL. [www.disponivel.uol.com.br](http://www.disponivel.uol.com.br)

FERREIRA, Lucia et alli. **Discurso, identidade e memória**: sentidos construídos na imprensa brasileira dos séculos XIX e XX. In: II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Rio de Janeiro: UFRJ/PUC-RJ, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver**: Identidade e Política na Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Trad. Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (Coleção Sexualidade, gênero e sociedade).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2014

MANHUNT. <http://www.manhunt.net/home.php>. Acesso em 29 jul. 2011

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017

NOGUEIRA, Gilmaro. **Caças e pegações on-line**: subversões e reiterações de gêneros e sexualidades. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012, 178 f.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no ponto.com:** espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2008. 209 f.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, P.M.; SCHNEIDER, B.E. (Ed.). **Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader.** New York: Routledge, 1998.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico:** Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. 2ª ed. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

SCRUFF. <https://www.scruff.com/>

SIMÕES JR, Almerindo. **...E havia um lampião na esquina** – Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Resenha de “Gênese dos discursos”, de Dominique Maingueneau. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].